

O Futuro da “Terceira Missão” da USP

Future of “Third Mission” of USP

No dia 25 de janeiro deste ano, o professor Marco Antonio Zago foi empossado como novo reitor da Universidade de São Paulo após uma campanha que discutiu, entre outros tópicos, uma ampla reforma da graduação. Ao assumir o cargo, o novo reitor se tornou responsável também por uma enorme variedade de órgãos e programas culturais e de extensão.

A área de cultura e extensão da USP é extremamente ampla. Sob a guarda da Universidade estão, por exemplo, quatro museus estatutários, que recebem mais de 1,1 milhão de visitantes por ano, além de contar com orquestra sinfônica, teatro, cinema e outros aparelhos culturais.

Além disso, a USP disponibiliza quase mil cursos extracurriculares, além de ser responsável por gerenciar importantes programas de extensão como *Universidade Aberta à Terceira Idade* e *USP e as Profissões*, que atraem milhares de participantes todos os anos.

A *Revista Cultura e Extensão USP* conversou com o novo reitor para conhecer suas propostas para essa área.

VERÔNICA CRISTO

Universidade de São Paulo.
Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária, São Paulo, Brasil

GUSTAVO SUMARES

Universidade de São Paulo.
Escola de Comunicações e Artes, São Paulo, Brasil



MARCO ANTONIO ZAGO

é professor titular da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto e reitor da Universidade de São Paulo.

Revista Cultura e Extensão USP – *Qual é, em sua opinião, a importância da área de cultura e extensão?*

Marco Antonio Zago – A área de cultura e extensão, na verdade, inclui dois aspectos diversos. Vamos começar pelo que chamamos de extensão, que, na USP, tradicionalmente, e em locais no mundo todo, vem sendo chamada de “terceira missão” da universidade, entendendo que as duas missões clássicas são a educação, ou seja, a de formar pessoas, e a criação, isto é, a pesquisa, a crítica da pesquisa e a crítica do conhecimento.

Estes são os dois componentes clássicos da universidade que, por suas características, são transnacionais, isto é, valem no Brasil, na Arábia Saudita, na França, na China e em qualquer lugar do mundo e dizem respeito à criação e crítica do conhecimento e à chamada investigação científica. Por outro lado, a “terceira missão” é vinculada à vida local da universidade, tendo uma ligação direta com a cidade, a região, o estado onde a universidade está localizada. Trata-se, portanto, da necessidade de transferir conhecimento e de ajudar a sociedade a vencer seus desafios. Hoje, nossa sociedade está mudando muito e a tecnologia tem um peso cada vez maior. O perfil da sociedade também está mudando, inclusive o perfil etário. Éramos uma sociedade de jovens, tínhamos uma quantidade muito grande de crianças e adolescentes, a expectativa de vida média do cidadão era relativamente pequena e, as famílias, muito grandes. Agora, isso tudo desapareceu. Temos uma população de famílias menores e a sobrevivência dos cidadãos é muito alta. Como consequência, estamos mudando para uma sociedade de pessoas maduras, com a tendência de nos tornarmos uma sociedade de pessoas velhas. Isso altera completamente a dinâmica social e a universidade pode e deve participar, contribuindo para ajudá-la nesse processo. É disso que trata a extensão ou a “terceira missão”.

A cultura é uma área diferente, embora, na USP, faça parte da mesma Pró-Reitoria. A cultura é um aspecto fundamental e permanente da sociedade. Tem particularidades conforme a região ou o povo. Na verdade, o que aprendemos é que, em

cada região, há a convivência de múltiplos padrões culturais. O Brasil é o exemplo clássico e típico da sociedade multicultural. A cultura abrange o universo artístico, de criação e crítica artística. Uma de nossas missões é ajudar na preservação, na compreensão e na transmissão da cultura.

RCE – *Na área de extensão há um número muito grande de atividades, desde os cursos de extensão e de formação profissional até ações e projetos junto à comunidade. Como lidar com essa variedade?*

MAZ – Todas essas atividades visam trazer a competência da Universidade para ajudar a resolver problemas da sociedade. Em contraposição aos nossos cursos de graduação, que devem ter uma abordagem muito mais ampla, os cursos de extensão devem atender demandas específicas, para as quais temos competência. Essa é uma maneira de a Universidade fazer a sua “terceira missão”.

RCE – *O que a USP pode ganhar com essa maior integração com a sociedade?*

MAZ – O que a USP ganha de mais importante com essa integração é tornar suas atividades mais realistas. A Universidade precisa, em muitos aspectos, de certo afastamento para ser capaz de fazer uma análise mais distanciada e imparcial, principalmente quando falamos de sua produção acadêmica. Por outro lado, precisa de proximidade com a sociedade quando falamos de seus cursos de graduação, porque deve entender quais são as necessidades da sociedade para contemplá-las em seus cursos. E, também, tendo proximidade com a sociedade, a Universidade percebe aspectos da vida atual que podem ser relevantes para o pensamento crítico. É uma maneira de acompanhar, de se informar sobre o que ocorre com a sociedade, pois, caso contrário, teríamos uma vida muito separada, isolada.

RCE – *Um dos pilares da sua campanha foi o de fortalecer as relações da USP com a sociedade e com a própria comunidade acadêmica. Em sua opinião, que papel a extensão universitária pode ter nessa proposta?*

MAZ – A extensão é uma das formas mais diretas

de a Universidade interagir com a sociedade. Outra é a formação de pessoal, isto é, a educação: a Universidade tem a missão central de formar as novas gerações. Mas a missão de interagir diretamente com a sociedade, levando soluções para os problemas que surgem com a rápida mudança do mundo, é também uma função extremamente importante. Quando se faz a pesquisa acadêmica e se dá formato para essa pesquisa, o resultado pode ser a publicação de um artigo em uma revista científica, um livro ou uma patente. São resultados que atingem a sociedade de maneira indireta. Em geral, há um tempo maior para que os resultados de uma pesquisa façam o seu efeito. E, às vezes, uma única ação não tem um efeito evidente. Com a publicação de artigos, por exemplo, constrói-se o conhecimento científico, em pequenos blocos, que vão se adicionando uns aos outros, às vezes, até mesmo contradizendo o que já foi dito. É assim mesmo que tem que ser. Quanto mais preliminar for o trabalho produzido, mais tempo suas aplicações na sociedade demorarão a vir à tona. O teste de um novo medicamento, ou seja, um trabalho aplicado, pode ocasionar uma resposta positiva ou negativa; sendo positiva, este medicamento logo começa a ser usado. Por outro lado, um trabalho que trata de determinada reação celular não será imediatamente visto em aplicação, mas vai ser acrescentado ao arquivo de conhecimento da humanidade, podendo aparecer cinco ou dez anos depois, quando a ciência de tal reação celular servir para produzir um novo medicamento.

Todas essas são formas válidas e necessárias de construção do conhecimento. Alguns resultados aparecem no dia seguinte na prateleira da farmácia e outros vão demorar de dez a quinze anos para fazer seu efeito. Essa é a dinâmica da construção do conhecimento científico. É diferente da extensão. A extensão leva um conhecimento que está disponível na Universidade para aplicação imediata na sociedade.

“UMA DAS MISSÕES IMPORTANTES DA UNIVERSIDADE É A PRESERVAÇÃO E ANÁLISE CRÍTICA DA CULTURA. A CULTURA TEM QUE FAZER PARTE MAIS ATIVA DA VIDA UNIVERSITÁRIA. NO PASSADO, A USP FOI UM FOCO IMPORTANTE DE CRIAÇÃO DA CULTURA BRASILEIRA. ISSO PRECISA SER RECUPERADO.”

RCE – *Como podemos integrar as áreas de ensino, pesquisa e extensão?*

MAZ – Creio que a integração deve resultar da relação natural entre esses campos. Mas, muitas vezes, fazemos o inverso: segmentamos áreas que são naturalmente integradas. Para facilitar a gestão, dividimos as atividades-fim da Universidade e as colocamos em quatro Pró-Reitorias distintas, para que cada uma tome conta de um aspecto. Nossa ação não deve parecer segmentada para a sociedade, e quando isso começa a acontecer é sinal de que estamos falhando em algo. Entendo que é preciso dividir, pois não se pode fazer tudo unitariamente. Não é possível à Reitoria realizar todas as atividades ao mesmo tempo, assim ela se divide em grupos de atividades e dispõe de um pró-reitor de graduação, que coordena principalmente os aspectos de organização de cursos e de currículos; um de pós-graduação, um de pesquisa e um de cultura e extensão. A população observa isso como um todo e, para tanto, temos de adotar medidas para que as quatro Pró-Reitorias trabalhem de forma mais integrada, o que é perfeitamente possível.

RCE – *Em uma eventual reformulação da graduação, não seria o caso tentar incorporar melhor as ações de extensão universitária?*

MAZ – Certamente. Isso é essencial. De certa forma, nós já temos programas que nos permitem fazer isso, mas não o fazemos com a intensidade adequada. Devemos entender que, para o ensino de graduação, as atividades fora da grade de disciplinas também fazem parte da formação do aluno. Elas não são secundárias ou periféricas, podendo se tornar, inclusive, o principal elemento da formação universitária. Um programa de iniciação científica, por exemplo, é parte do ensino de graduação. Nele, o aluno identifica um tema, verifica o que já foi dito sobre ele, propõe uma pergunta e tenta resolvê-la para, finalmente, apresentar uma

solução. Cito um tema científico, mas pode-se falar de um tema que corresponde a uma necessidade da sociedade, por exemplo, um programa de uso racional de água, que é de extensão. Então, o espectro de atividades é muito grande, mas o princípio é o mesmo: fazer o aluno resolver problemas. Se ele aprende a resolver problemas, seja de natureza científica ou tecnológica, ele está fazendo educação. Essa é uma das maneiras de integrar a extensão ao ensino universitário.

Existe o componente da cultura, que também precisa ser integrado. Uma das missões importantes da Universidade é a preservação e análise crítica da cultura, a qual tem que fazer parte mais ativa da vida universitária. No passado, a USP foi um foco importante de criação de cultura brasileira. Isso precisa ser recuperado.

RCE – *Dentro da diversidade de atividades da área de cultura e extensão, há também o ensino a distância. Quais são seus planos para essa área?*

MAZ – No ensino a distância, há um componente de uso de tecnologia que deve ser incorporado ao nosso ensino tradicional de graduação e que vai ser administrado pela Pró-Reitoria de Graduação. Outro ponto são os cursos universitários a distância, que assumiram grande proporção em muitas universidades no mundo todo e que representam um formato de abertura da universidade para a população que a USP, até o momento, entendeu que não era sua missão principal. E, de fato, no estado de São Paulo, o governo criou uma entidade própria para tratar dessa questão, a UNIVESP [Universidade Virtual do Estado de São Paulo]. O grande esforço de termos uma massa de cidadãos “frequentando” a universidade através de um curso universitário a distância será feito predominantemente pela Univesp. A USP, a Unicamp e a Unesp vão contribuir para esse esforço, gerando material e colocando seus professores à disposição.

Mas essa não será a nossa missão central.

Finalmente, há a questão dos cursos de extensão e de especialização. Nesses cursos, devemos usar todas as tecnologias disponíveis. O uso mais intensivo dessas tecnologias digitais vai possibilitar que a USP amplie sua contribuição. No ano passado, tivemos mais de 50 mil pessoas participando desses cursos na Universidade. É um número impressionante. Com o uso mais intensivo das tecnologias digitais, nós podemos ampliar esse número e, assim, dar acesso a uma parcela muito maior da população à *expertise* que existe na USP.

RCE – *As linhas de financiamento foram uma das marcas da gestão passada. Na Pró-Reitoria de Cultura e Extensão, por exemplo, temos o Programa de Editais, o programa Aprender com Cultura e Extensão e as linhas de fomento às iniciativas de cultura e extensão.*

MAZ – Foram mesmo, porque, de certa forma, organizaram e deram uma cara própria à Pró-Reitoria, tornando claras quais são as suas linhas de atividade e de que forma promovem a cultura e a extensão na USP. Antes, alguém de fora não seria capaz de des-

crever com clareza qual era a cara da Pró-Reitoria, mas agora nós sabemos. Só de olhar os programas e as linhas de apoio, os editais, nós sabemos o que a Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária faz. Então, foi realmente um progresso.

RCE – *Na área da cultura, a USP tem sob a sua guarda acervos museológicos e documentais muito ricos. O MAC e o Museu Paulista, dois dos museus mais famosos de São Paulo, estão sob administração da USP, por exemplo. Quais são os seus planos para a área de acervos e museus?*

MAZ – Os planos, de um modo geral, são fazer com que os museus e seus acervos sejam plenamente acessíveis à população. Em segundo lugar, esses museus, por serem ligados à Universidade,

têm características diferentes de outros museus do mundo e, portanto, precisam ser centros de pesquisa, de criação e de formação de pessoal, sem perder a característica de museus. Museus não são, em princípio, locais que precisam originar cursos de graduação, mas são lugares excepcionalmente adequados para receber pesquisadores.

Por exemplo, no ano passado, as três Pró-Reitorias (de Pesquisa, de Pós-Graduação e de Cultura e Extensão Universitária) criaram um programa para abrir os acervos dos nossos museus a alunos de doutorado ou de pós-doutorado de qualquer lugar do mundo, pois se tratam de locais bastante procurados pelos pesquisadores. Então, essas são as duas diretrizes básicas: abrir o máximo possível o museu ao público e oferecer os museus como centros de pesquisa e de formação de pessoal.

Dar acesso ao museu à sociedade é um passo importante, que deve ser complementado com programas que promovam essa ação. Não se trata simplesmente de abrir o museu, mas promover exposições que possam ser anunciadas e que permitam envolver, por exemplo, escolas de ensino básico e, ao mesmo tempo, os nossos alunos. Isso porque grande parte dos alunos da USP passa pela Universidade sem nunca sequer ter visitado um de seus museus, quanto mais ter aproveitado, de fato, essa convivência cultural. Isso é fundamental. Nessa área, temos ainda um problema que precisa ser solucionado: a questão do Museu Paulista. Do ponto de vista de estrutura física, ele sofreu muito ao longo dos décadas, e agora chegou o momento em que ele está fechado para visitação pública. Nós temos que tomar medidas para reverter esse quadro, porque esse museu é um patrimônio do país.

RCE – No ano passado, a Pró-Reitoria inaugurou a Tenda Cultural Ortega y Gasset, que tem como objetivo ser um espaço de integração da comunidade universitária. Como o senhor avalia iniciativas como esta?

“OS MUSEUS, POR SEREM LIGADOS À UNIVERSIDADE, TÊM CARACTERÍSTICAS DIFERENTES DE OUTROS MUSEUS DO MUNDO E, PORTANTO, PRECISAM SER CENTROS DE PESQUISA, DE CRIAÇÃO E DE FORMAÇÃO DE PESSOAL, SEM PERDER A CARACTERÍSTICA DE MUSEUS.”

MAZ – Isso é necessário, porque temos poucos espaços de integração. A Cidade Universitária, por mais interessante e bonita que seja, oferece poucos locais que permitem essa reunião. Amanhã eu estarei na Tenda para me encontrar com os alunos e com os calouros que estão chegando. Haverá uma conversa do reitor com os estudantes [Zago participou da mesa de abertura da *Calourada Unificada*, organizada pelo Diretório Central dos Estudantes (DCE) durante a *Semana de Recepção aos Calouros*, no dia 19 de fevereiro]. Então, a Tenda está começando a fazer esse papel.

RCE – Em 2012 e 2013, a Pró-Reitoria de Cultura e Extensão lançou o Programa de Editais, voltado para tratamento de acervos. Chamou a atenção a participação das unidades de ensino da USP, que contam com acervos de grande relevância para a memória da Universidade. Em duas edições, por exemplo, foram mais de 300 projetos apresentados, de toda a USP. Como o senhor avalia as iniciativas de financiamento desse tipo?

MAZ – É uma iniciativa muito boa, que, de certa forma, renovou a Universidade e, particularmente, no que diz respeito à Pró-Reitoria de Cultura e Extensão, renovou seus métodos e abordagens. Portanto, é algo que, dentro do possível, nós queremos preservar. Conceitualmente, é muito bom. Nós temos, no momento, que realinhar o uso de recursos dentro da Universidade, que está com o orçamento muito apertado. Precisamos de certa pausa para tomar fôlego e recuperarmos nossa saúde financeira. Mas, não há nenhuma dúvida de que essa iniciativa recente da Pró-Reitoria, particularmente da professora Maria Arminda, foi muito eficiente, inovadora e com resultados muito bons.

RCE – Os editais tinham uma linha de financiamento de projetos voltados para o resgate, a preservação e a valorização da memória da USP e das unidades. Como o senhor avalia tal investimento?

MAZ – Estou perfeitamente de acordo. O que temos do passado é muito fragmentado. Por exemplo, no último dia 11 de fevereiro foi realizada a primeira reunião do Conselho Universitário deste ano e a primeira da gestão. E, no dia 17 de fevereiro, foram comemorados os 80 anos da primeira reunião do Conselho Universitário, que aconteceu em 1934 na sala da Congregação da Faculdade de Medicina, que já estava instalada. Nós não temos registro fotográfico dessa reunião, mas temos a ata manuscrita. Então, na reunião do dia 11, o secretário geral da Universidade, Ignácio Poveda, providenciou uma vitrine em que foi exposta a ata original, como uma “fotografia imaginária”, com os diferentes personagens da reunião, como se eles estivessem reunidos em uma sala. Também foi exibida a fotografia da segunda reunião, em junho daquele ano, quando foi empossado o primeiro reitor, Reynaldo Porchat.

Como eu já mencionei, é muito fragmentário o que temos daquela época. Também pedimos, nessa reunião do dia 11, que o professor Carlos Guilherme Mota [professor emérito da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH-USP) e primeiro diretor do Instituto de Estudos Avançados (IEA-USP)] fizesse uma palestra sobre o assunto, que está publicada no site do IEA, e eu recomendo que leiam, porque ele foi muito feliz ao tratar não só do ato da reunião em si, mas de tudo aquilo que a cercou e das personalidades que lá estavam, como Fernando de Azevedo [educador, sociólogo, administrador e jornalista que redigiu o anteprojeto e o projeto de decreto-lei que instituiu a USP em 1934], recriando, de certa forma, o momento da criação da USP. Temos uma lacuna grande de documentação desse tipo, e hoje, que temos tecnologia disponível, vejo que não coletamos adequadamente a informação que vai servir de memória para daqui a 50 ou 100 anos. E, para aqueles que vão fazer análise do nosso passado, é muito importante ter o material primário em que possam basear suas conclusões. Caso contrário, fica sempre o mito.

VERÔNICA CRISTO *bacharel em Relações Públicas da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) e assistente editorial da Revista Cultura e Extensão USP – e-mail: veronica.cristo@usp.br*

GUSTAVO SUMARES *graduando em Jornalismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) e repórter da Revista Cultura e Extensão USP – e-mail: gsumares@gmail.com*